

**JANTAR EM HONRA DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA
REPÚBLICA, MARCELO REBELO DE SOUSA**

Ponta Delgada, 26 de outubro de 2017

***Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco
Cordeiro***

Gostaria de começar por dizer que é para nós uma honra - para a Paula e para mim - receber o Senhor Presidente da República aqui, no Palácio de Santana, nesta ocasião da sua visita à Região Autónoma dos Açores, na segunda parte da sua visita à Região Autónoma dos Açores.

Também agradecer a todos o facto de terem correspondido ao nosso convite para este momento em honra de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, por esta ocasião que agora se proporciona.

Esta segunda parte da viagem caminha rapidamente para a sua conclusão, mas não será por demais referir o gosto, a honra e a satisfação com que recebemos o Senhor Presidente da República, quer em maio, quando cá esteve, quer agora nesta visita às ilhas do Grupo Oriental.

Esforçamo-nos por mostrar aquilo que de melhor têm os Açores nos mais variados domínios, nas mais variadas áreas, e esse gosto, essa satisfação e essa alegria fez com que todos, entidades públicas e privadas, se aprestassem em apresentar o melhor que se faz nos Açores.

Mas gostaria que a imagem e as impressões que o Senhor Presidente da República leva desta viagem aos Açores não fosse a de uma Região onde não existem desafios, onde não existem dificuldades, onde não existem áreas onde gostaríamos de mais rapidamente conseguir ainda melhores resultados.

Também existem estas áreas.

Seja no domínio da Educação, onde nos apressamos a definir medidas e políticas para alcançarmos cada vez melhores resultados, seja no domínio da exclusão social - aspeto referido por Vossa Excelência na sua intervenção na Assembleia Legislativa da Região - onde ainda recentemente foi apresentada a primeira parte da Estratégia Regional de Combate à Pobreza e Exclusão Social.

Tudo isto são domínios em que os Açores têm também os seus desafios e, por isso, entre a visão, talvez maniqueísta, de que os Açores só serão notícia quando houver uma desgraça ou quando existirem maus indicadores, faço votos de que, desta visita, o Senhor Presidente da República leve a imagem de um Povo que está comprometido com o seu destino, que está consciente dos desafios que tem à sua frente e que está mobilizado, sejam elas entidades públicas ou privadas, para vencer e ultrapassar esses desafios naquelas áreas e domínios onde, legitimamente, podemos talvez almejar sermos considerados como uma referência do país.

Gostaria que, sobretudo, ficasse o registo dessa consciência e dessa vontade de, aqui nos Açores, entidades públicas e privadas, trabalharmos para ultrapassar, para vencer esses desafios, que ficasse a imagem de uma Região e de um Povo que, no uso dos poderes que a Autonomia lhe garante, está a fazer o seu caminho, com os sucessos e as contingências que fazer o caminho sempre traz.

Nesses desafios e nessas dificuldades existem aspetos que entroncam numa causa comum. Essa causa comum é a necessidade de ser melhorada a compreensão que, no todo nacional, existe quanto às Autonomias Regionais.

Não é uma questão de agora, não é questão de atuais protagonistas, sejam eles ao nível da Região ou ao nível da República. É algo de mais profundo, é algo de mais entranhado, digamos assim.

Essa dificuldade de haver um reconhecimento quanto àquelas que são as potencialidades e as vantagens que as Autonomias Regionais têm para o nosso país, no fundo, a consciência de que este processo não serve apenas os interesses da Região, ou de cada uma das Regiões, serve também os interesses do país no seu todo.

Naquilo que deriva desta compreensão - ou da falta dela - há exemplos muito concretos e muito presentes. Sejam exemplos que já se sucedem há muitos anos, como os serviços do Estado na Região, do cuidado que entendemos que eles deveriam ter e que não tiveram já de há muito tempo, mas também em novas áreas em que, legitimamente, a Região anseia ter uma palavra e uma participação mais conforme com os tempos que vivemos.

É o caso do Mar, em que temos a ambição de poder ser parte na realização dessa promessa que é o Mar para o nosso país.

Por aqui também passa, havendo uma nítida compreensão do que está em causa, o reforço da coesão nacional, o reforço da coesão entre todas as componentes territoriais do nosso país. Porque não é apenas professando este princípio que ela se realizará. Precisa, efetiva e verdadeiramente, de expressões práticas que conduzam a esse reforço da ideia de coesão.

Julgo, também, muito importante não cairmos no erro de julgar que é uma inevitabilidade haver sempre este entendimento quanto à forma como todos nos relacionamos.

Infelizmente há muitos exemplos por esta Europa fora que dão conta de que não é uma inevitabilidade, de que pode haver sempre outras perspetivas.

Aquilo que gostaria de deixar também hoje aqui, a este propósito, é o meu compromisso, é o compromisso do Governo dos Açores, de tudo fazer para cada vez mais sigamos esse caminho.

Um caminho em que se aprofunda essa coesão, fruto dos resultados quer da ação da Região, dos órgãos de governo próprio, e do Estado, que podem, efetivamente, contribuir para que tal se alcance.

Por último, Senhor Presidente, julgo que a primeira vez que veio aos Açores, na qualidade de Presidente da República, foi para participar na Procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Daí que tenha havido um desafio a uma artista, que aqui está connosco, Isabel Silva Melo, para, num dos símbolos desse culto, poder interpretá-lo, poder dar-lhe uma visão única e exclusiva que marcasse esta sua visita e que correspondesse também àquele que sei ser um interesse e um gosto seu relativamente a essas matérias.

É por isso que, da nossa parte – da Paula e de mim - e de todo o Governo dos Açores, temos todo o gosto em oferecer-lhe esta peça, da autoria de Isabel Silva Melo, artesã e artista da nossa Região, que é essa interpretação e essa visão de um ‘registo’ do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Muito obrigado.